

O TEMA DA INCLUSÃO NA SALA DE AULA: RECURSOS PEDAGÓGICOS

Karen Stephanie Melo

INTRODUÇÃO

Quando se fala em inclusão, propõe-se que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades; todos devem ter acesso aos mesmos benefícios, independentemente de etnia, classe social, deficiência mental ou sensorial ou nível educacional. O trabalho com temas como esse é essencial em um programa universitário, uma vez que a Universidade possui não só o papel de formar profissionais e ampliar o universo acadêmico dos alunos, mas tem também o poder de acrescentar valores morais, formando o homem como indivíduo e cidadão.

O presente trabalho tem como objetivo propor três formas de se trabalhar em sala de aula com o tema da inclusão. Sugere-se que a discussão do tema seja feita através do uso da literatura, dos quadrinhos e do cinema.

Atualmente, existe uma grande necessidade de variação dos recursos pedagógicos: os jovens possuem acesso aos mais variados tipos de tecnologia e a uma vasta quantidade de informações diárias; sendo assim, têm perdido mais rapidamente o interesse e a concentração no estilo clássico de aula expositiva, na qual só se utiliza giz e lousa. O uso desses recursos pedagógicos é proposto a fim tornar as discussões mais leves e interessantes. Com a utilização da linguagem dos quadrinhos, da linguagem cinematográfica e da literária, o professor é capaz de ilustrar o tema de forma mais elaborada — mostrando situações reais — e aproximar as questões do universo dos alunos, que são, em sua maioria, jovens.

Na área literária, escolheu-se a obra *O Poço do Visconde* (1937), de Monteiro Lobato, devido ao fato de este, como tantos outros livros do autor, ser bastante polêmico quando é analisada, no texto, a questão do preconceito. No campo cinematográfico, é feita uma discussão do filme *Edward Mãos de Tesoura* (1990): um belo “conto de fadas moderno”, no qual, ainda, se pode verificar ao longo de toda a história o preconceito em relação àquele que é diferente. Por fim, ao falar de quadrinhos, selecionou-se a obra de Maurício de Souza, por este ser o maior autor do gênero no país, que sempre se preocupou com as questões sociais e que vem, desde o início da carreira, tentando ensinar sobre tolerância a seus leitores.

A QUESTÃO DA INCLUSÃO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

O tema do preconceito é possível de ser analisado em diversas obras lobatianas; todavia, escolheu-se o texto *O Poço do Visconde* para análise neste artigo. Considerado por Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos (1982) como um dos livros mais “didáticos” e “engajados” de Monteiro Lobato, *O Poço do Visconde*, que recebeu o subtítulo *de Geologia para Crianças*, de 1937, traduz o caráter metafórico do sítio: ele é integralmente o Brasil, situado naquele contexto histórico-cultural. Algumas das personagens de Monteiro Lobato, por sua vez, como Tia Nastácia, Chico Pirambóia e Tio Barnabé, representam fundamentalmente o homem do campo brasileiro, tanto por seus traços físicos como por suas ações.

Muitos críticos literários e estudiosos de literatura infantil brasileira afirmam que Monteiro Lobato deixa transparecer certo preconceito ao escrever sua obra. Analisando-se o livro *O Poço do Visconde*, podemos perceber que há alguns traços desse preconceito ao longo de todo o texto, principalmente em relação à Tia Nastácia.

No capítulo I, denominado *O primeiro serão*, têm início as aulas do Visconde de Sabugosa sobre geologia. O menino Pedrinho arruma a sala da casa de Dona Benta como um anfiteatro e convoca todos para a aula. O texto enfatiza, então, a presença de Tia Nastácia na sala: “Na primeira fila de cadeiras sentaram-se Narizinho, Emília e ele. Na segunda, Dona Benta e Tia Nastácia. Pedrinho fez questão de que a pobre negra também se formasse em Geologia.” (LOBATO, 1985, p. 11)

Há uma ambiguidade nesse trecho: apesar de Lobato considerar Tia Nastácia uma “pobre negra” – ou seja, que ela pode ser digna de pena por ser negra – ele mostra que Pedrinho se importa com essa negra e quer que ela faça parte do grupo para também aprender com as aulas.

No capítulo II, intitulado *O segundo serão*, quando Visconde explica sobre os processos de formação do petróleo, percebe-se que apesar de participar da aula, como todos os outros, Tia Nastácia não é capaz de entender o que lhe está sendo passado:

*–Que tal está achando a geologia do Visconde? – perguntou.
Tia Nastácia abriu uma enormíssima boca vermelha e respondeu bocejando:
–Ele só fala em peixe podre, sinhá. Peixe há de ser fresquinho. Quanto mais fresco, melhor. E se vem ainda vivo, como aquele surubi que o Coronel Teodorico mandou outro dia, então ainda melhor... (LOBATO, 1985, p. 29)*

A primeira marca de preconceito a ser observada é a caracterização da personagem. Ela possui uma “enormíssima boca vermelha”, característica enfatizada por a personagem ser negra. Em segundo lugar, vê-se que Tia Nastácia não consegue entender o que Visconde fala e acha que aquilo não é importante, ele está falando apenas de peixe podre. Para ela, só é importante o peixe fresco, pois este sim faz parte de seu mundo: somente o peixe fresco pode ser utilizado na hora do preparo dos alimentos e Tia Nastácia é uma ótima cozinheira.

Em outro momento, observa-se que a personagem Emília, apesar de ter sido criada por Tia Nastácia, também se refere a ela com preconceito. No capítulo V, Emília reclama do sistema adotado para medir o petróleo, ou seja, por barril e galão. Dona Benta pede, então, que Emília se comporte, pois suas falas mal-educadas estragam os livros de Lobato, ao que a personagem responde:

*– Dona Benta, a senhora me perdoe, mas quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. Nasci torta. Sou uma besteirinha da natureza – ou dessa negra beijuda que me fez [...]
Dona Benta suspirou. Impossível domar aquela pequena selvagem...
(LOBATO, 1985, p. 56)*

Mais uma vez vê-se a caracterização preconceituosa de Tia Nastácia, dessa vez na fala de Emília: “negra beijuda”. A imagem que é transmitida é a de que Tia Nastácia não entende de nada, nem mesmo a boneca Emília conseguiu produzir corretamente: “nasci torta”. No entanto, por ser uma representação da criança e de seus impulsos reprimidos, Emília pode estar apenas falando aquilo que toda criança da época apreendia culturalmente, aquilo que as crianças ouviam os adultos dizerem. Contudo, a boneca sabe que o uso de tais expressões é depreciativo, já que no capítulo XVII alega: “Beijo é de boi – aparteu Emília. – Gente tem lábios...” (LOBATO, 1985, p.185)

Apesar da fala de Emília apresentada acima, Tia Nastácia cria a boneca, cria o Visconde e possui diversas outras habilidades, como a habilidade de cozinhar, reforçadas durante toda a obra do Sítio do Picapau Amarelo. Portanto, ao contrário do que se pode pensar, Monteiro Lobato não considera Tia Nastácia uma personagem inferior em relação às outras. Logo, se o preconceito racial aparece em algumas passagens do texto, deve-se considerar o contexto-histórico e cultural no qual ele foi escrito¹ e o período em que viveu o autor: quando Lobato ainda era criança, seu avô,

¹ A década de 30 foi marcada por reivindicações dos que lutavam para que assuntos de seu interesse fossem abordados na mídia e para que termos preconceituosos fossem dispensados dos textos

Visconde de Tremembé, tinha muitas escravas que cuidavam da casa e eram, aliás, consideradas como pessoas da família. Várias dessas escravas influenciaram a vida do escritor e até mesmo em sua carreira como escritor, já que muitas eram “contadeiras” de histórias; o autor concentra todas essas escravas na figura de Tia Nastácia.

A lei do Ventre Livre, assinada em 1871, não produziu muitos efeitos. Muitos escravos permaneceram na mesma condição, pois não tinham para onde ir após a libertação. O preconceito vigente no período da escravidão ainda duraria muito tempo, sendo que a maioria das crianças não brancas não podiam estudar. Tudo isso contribuiu para que “a população que formava a República fosse desigual, indefinida [...]” (MARTINS, 2007, s/p)

O TEMA DA INCLUSÃO NO CINEMA

Dirigido pelo aclamado diretor Tim Burton, conhecido por tratar de temáticas sombrias e produzir filmes de terror, o filme *Edward Mãos de Tesoura* (*Edward Scissorhands*, 1990) possui uma narrativa ao estilo dos contos de fadas; porém, nota-se em seu plano de fundo uma grande discussão sobre o tema da inclusão social.

Dotado de uma inocência e uma bondade incomuns, Edward é criado por um cientista que mora em um castelo, no alto de uma montanha; todavia, o cientista morre antes de concluir sua obra e deixa Edward com um par de tesouras onde suas mãos deveriam ser colocadas. Edward continua morando nesse castelo até que uma vendedora descobre seu esconderijo e o leva para o “mundo real”. Ele acaba demonstrando uma valiosa qualidade como cabeleireiro e escultor de árvores.

Edward acaba se apaixonando por Kim, uma líder de torcida, cujo namorado sente extrema inveja das habilidades e do carisma do novo habitante da cidade. Devido à sua inocência, Edward é levado a cometer uma ação que aparentemente se trata de um crime e foge novamente para seu castelo.

É [Johnny] Depp, no entanto, quem mais impressiona, criando um personagem preso em seu corpo incompleto e transmitindo, em poucas palavras, a frustração de Edward – seu rosto pálido e marcado por cicatrizes demonstra o sofrimento de descobrir que até o

jornalísticos. Nesse período, e nas décadas seguintes, o negro está presente na mídia com sua imagem comumente ligada à força muscular (esportes, principalmente o futebol), à música (samba) e a crimes (na seção policial). Antes disso, a presença dos negros nos jornais era um modo de legitimar a escravidão. "Falava-se apenas dos negros que estavam sendo procurados por terem fugido, daqueles que eram vendidos ou mesmo daqueles que, eventualmente, tinham cometido algum tipo de crime". Fonte:<<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/08.shtml>> Acesso em: 29 mar. 2008

toque mais suave com suas mãos de tesoura pode causar dor.
(SCHNEIDER, 2008, p. 791)

Apesar de tratar-se de uma narrativa fantástica, pode-se encarar a deficiência de Edward como outra qualquer e o preconceito demonstrado para com o personagem é aquele encarado por quaisquer pessoas diferentes.

Se, em um primeiro momento, Edward torna-se extremamente popular por suas habilidades, sendo até assediado pelas mulheres habitantes da cidade, é visto com muita desconfiança por outros cidadãos locais, como o namorado de Kim. Percebe-se imediatamente que, por sua natureza, ele não poderia nunca ferir ou maltratar alguém, no entanto, as pessoas facilmente acreditam que Edward pode ser um homem particularmente perigoso por ser diferente dos outros. Em uma das cenas finais do filme, enquanto faz uma escultura no gelo, Mãos de Tesoura acidentalmente corta o rosto de Kim. O namorado da moça vê a cena como uma oportunidade de fazer com que todos se voltem contra o escultor; seus planos funcionam e fazem com que toda a cidade e a polícia local passem a perseguir Edward, apesar das súplicas de Kim.

É possível perceber que a cidade volta-se contra Edward tão facilmente, pois já havia certa desconfiança sobre sua figura peculiar desde o início. Apenas por apresentar uma diferença física, o homem passa de celebridade a potencial assassino em alguns minutos.

A INCLUSÃO NOS QUADRINHOS DE MAURÍCIO DE SOUZA

Nós não devemos deixar que as incapacidades das pessoas nos impossibilitem de reconhecer as suas habilidades. As características mais importantes das crianças e jovens com deficiência são as suas habilidades" (HALLAHAN; KAUFFMAN, 1994).²

A citação acima ilustra bem a proposta de Maurício de Souza ao criar seus personagens com deficiências ou qualidades especiais e a inserir em suas histórias temas que se referem à inclusão.

A primeira vez que Maurício de Souza criou um personagem com alguma deficiência, foi em 1981, com Humberto. Humberto é mudo e, para se comunicar, apenas emite o som “hum-hum”. Através das historinhas em que Humberto aparece, Maurício de Souza vai mostrando as dificuldades de comunicação do personagem com seus amiguinhos e como, muitas vezes, são criadas situações confusas ou até mesmo

² Fonte: < <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/ede/ede0.htm> > acesso em 23 maio 2009.

humilhantes para o menino mudo. Na edição número 10, página 13 da revista do *Cascão*, republicada em março de 2009 em uma edição comentada, é possível observar um importante exemplo dessa situação. Logo no primeiro quadrinho da história intitulada “Para um Bom Bate-Papo”, um animado Cascão encontra Humberto muito triste. Humberto leva Cascão até sua casa e mostra que ganhou de presente um lindo gravador: “Ô Humberto! Um gravador é um ótimo presente!”, alega Cascão, mas Humberto mostra que tudo que conseguiu gravar são sons monossilábicos. Para ajudar o amiguinho, Cascão grava diversas frases prontas para que Humberto possa, simplesmente ao apertar o play, comunicar-se com outras pessoas; porém, o plano não funciona, pois Humberto acaba utilizando frases como “Ei! A garota esta sozinha?”, para se comunicar com um senhor na rua ou “Como vai cavalheiro?”, para se dirigir a uma mulher. Segundo os autores dessa edição da revista:

Desde o início, a preocupação da inclusão de crianças especiais já fazia parte do universo do Maurício. O Humberto é um dos seus personagens mais antigos, que abriu um leque de opções para historinhas como Para um Bom Bate-Papo. (SOUZA, 2009, p. 19)

Em 2004, surgiriam ainda dois novos personagens com necessidades especiais, Luca e Dorinha. Enquanto Luca utiliza cadeira de rodas, Dorinha é deficiente visual. Em todas as histórias que ambos os personagens aparecem, no entanto, Maurício de Souza procura enfatizar como eles são capazes de interagir normalmente com as outras crianças e também como lidam com suas deficiências. Luca — apelidado de “Da Roda” —, por exemplo, possui uma cadeira de rodas especial — criada pelo cientista maluco da turma, Franjinha — com vários recursos embutidos; além disso, o menino é um ótimo jogador de basquete. É interessante ainda observar que, em diversas histórias da turma, Mônica se mostra apaixonada por Luca e tenta inúmeras façanhas para conquistá-lo.

Dorinha, sempre mostra que, apesar de não enxergar, possui todos os outros sentidos, como o olfato, mais aguçados e, dessa forma, consegue ter algumas vantagens, como perceber a chegada de um amiguinho antes dos outros. Segundo Maurício de Souza “Ela vai mostrar às crianças como ouvir o som do mundo, sentir seus perfumes e sugerir a inclusão, onde todos se tratam de igual para igual”.³

³ Fonte: < <http://proporoseguro.blogspot.com/2009/02/entrevista-com-mauricio-de-souza.html> > acesso em 4 maio 2009.

O que se percebe, portanto, é que para Dorinha e Luca não são enfatizadas suas deficiências, mas sim suas capacidades e características que os diferem das outras crianças.

Em uma entrevista concedida ao Rio Mídia, Maurício disse ter criado esses personagens com o fim de

*[...] exercitar a cidadania e o respeito pelo próximo entre seus personagens [...] Os novos integrantes portadores de deficiência devem ensinar muita coisa, principalmente na área do relacionamento humano [...] não podemos deixar de falar, nem que seja de maneira indireta, dos preconceitos.*⁴

A última personagem com função social criada por Maurício de Souza é Tati, uma menina com Síndrome de Down. A garota ainda não apareceu nas revistas mensais da Turma da Mônica e sua história está sendo vinculada através de uma edição especial, distribuída desde abril de 2009, em associações de pacientes com Síndrome de Down. De acordo com Maurício de Souza:

*Essa era uma idéia antiga que exigiu muita pesquisa e muito cuidado, pois há muita lenda e preconceito sobre o Down. Na história, Tati entra na escola e a professora fala um pouco sobre a síndrome. É um primeiro passo para conscientizar as crianças [...] No Brasil, as crianças deficientes são segregadas. Nos quadrinhos poderemos mostrar do que elas são capazes.*⁵

⁴ Fonte: < http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia/por_entrevista_home_topo.asp?id_entrevista=7> acesso em 4 maio 2009.

⁵ Fonte: < <http://blig.ig.com.br/acessivelparatodos/tag/preconceito/>> acesso em 23 maio 2009.

CASCÃO JOMI: PARA UM BOM BATE-PAPO

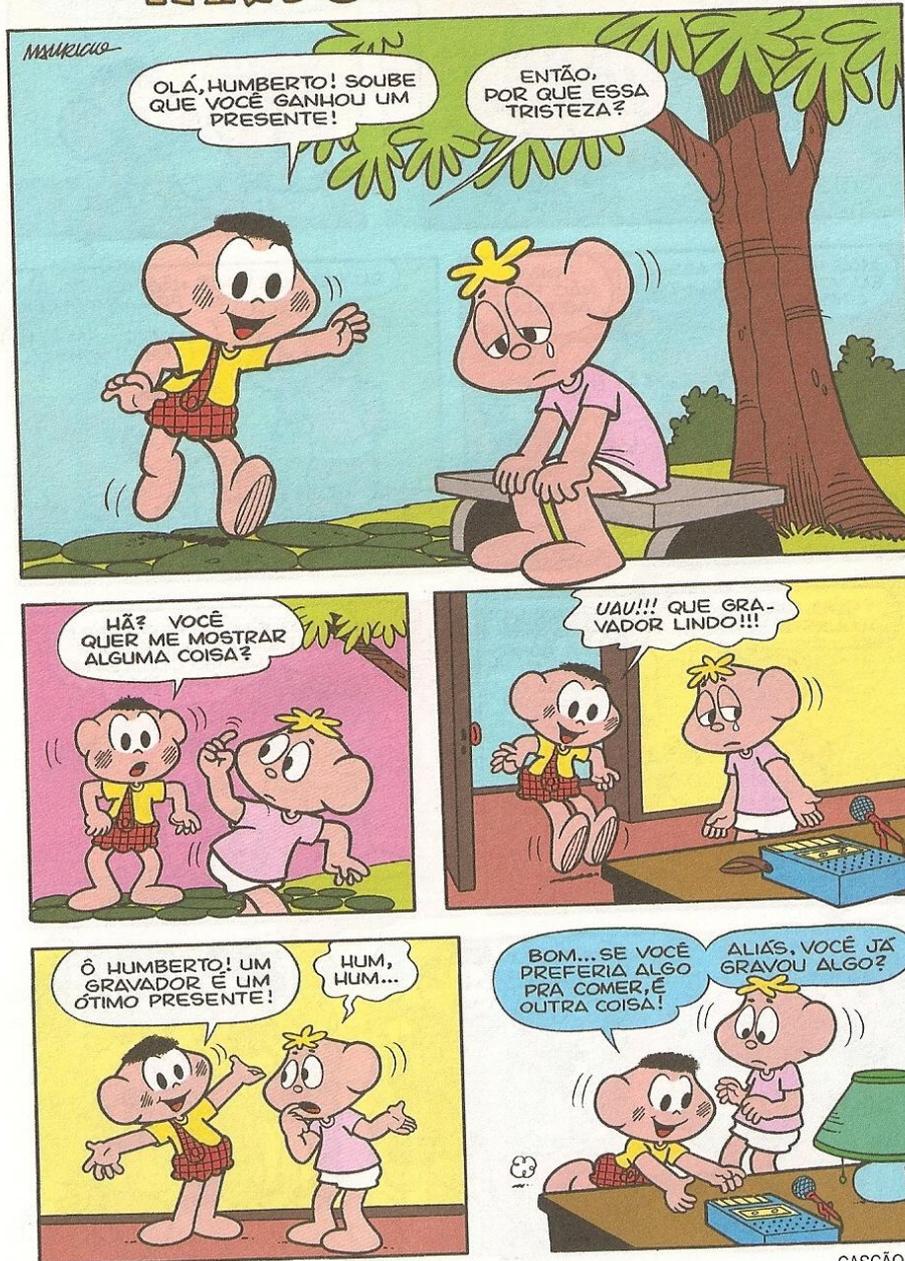


FIGURA 1: Primeira página da história Para um Bom Bate-Papo
Fonte: SOUZA, Maurício. Cascão. São Paulo: Editora Panini, n. 10, 2009, p. 13.

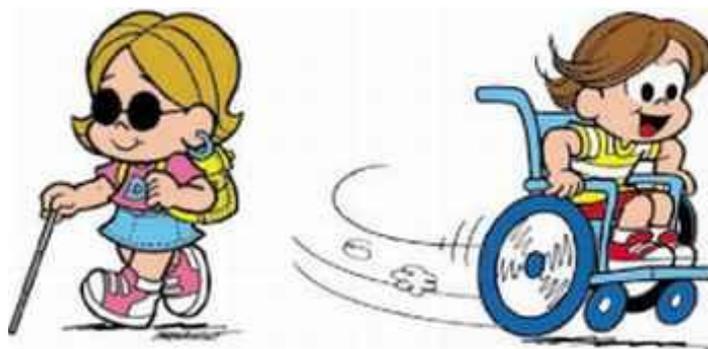


FIGURA 2: Luca e Dorinha

Fonte: <<http://img65.exs.cx/img65/7082/mnicalucadorinha4xh.jpg>> acesso em 23 maio 2009



FIGURA 3: Tati e Dorinha

Fonte: <http://odia.terra.com.br/porta/cienciaesaude/fotos/09/04/06_quadrinho.gif> acesso em 23 maio 2009

CONCLUSÃO

Neste artigo, verificou-se que o tema da inclusão está presente em diversas formas e meios de comunicação disponível no mercado. A melhor forma de se trabalhar o tema em sala de aula, é observar como ele é tratado pela literatura e pela mídia em geral, a fim de que possa haver um debate com os alunos.

Após ler trechos de uma obra como a de Monteiro Lobato, pertencente ao início do século XX, pode-se falar sobre o tema do preconceito racial, tomando até mesmo como base a história do Brasil, uma vez que, como foi mencionado, Emília trata Tia Nastácia com desrespeito e certo preconceito, pois é uma criança e, por isso, imita os adultos que a cercam.

É interessante que se faça, também, uma discussão a respeito da forma como Maurício de Souza apresenta seus personagens, enfatizando as habilidades no lugar das limitações físicas. Pode-se propor aos alunos que façam uma pesquisa a respeito de

como a leitura de quadrinhos como esses podem auxiliar na formação da criança como indivíduo.

Por último, pode-se enfatizar o caráter de inclusão presente em *Edward Mãos de Tesoura*, para que se mostre, como dito anteriormente, que apesar de não tratar do tema de forma direta, o filme fala sobre os preconceitos existentes na sociedade em que vivemos e nas injustiças cometidas com base em ideais pré-concebidos. A análise fílmica tem sua importância, pois, segundo Vanoye e Goliot-Leté, “Um filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico [...] No sentido em que Umberto Eco o entende, é possível utilizar o filme com o intuito de analisar uma sociedade” (2005, p. 54-55); por conseguinte, os filmes sempre trarão, inseridas em seu pano de fundo, marcas da sociedade e da época em que foram produzidos.

A partir das sugestões apresentadas como recursos pedagógicos, verificou-se a diversidade de linguagens que podem ser utilizadas em sala de aula; as linguagens propostas fazem parte do dia-a-dia dos alunos e, por isso, conseguem chamar sua atenção para o assunto discutido. O professor necessita estar sempre atualizado e saber inovar de forma que sua aula permaneça cativante e de acordo com seu público alvo. Por isso, o uso desses recursos age como um importante facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

LOBATO, Monteiro. *O poço do visconde*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

MARTINS, Sílvia Cristina C.C.S. *A ética feminina no universo lobatiano*. São Paulo: Mackenzie, 2007. CD-ROM.

SCHNEIDER, Steven Jay. *1001 filmes para ver antes de morrer*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

SOUZA, Maurício. *Cascão*. São Paulo: Editora Panini, n. 10, 2009.

VANOYE, Francis ; LÉTÉ, Anne Goliot. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papyrus, 2005.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico na obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982.